

PARA UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DA SUBJETIVIDADE NA ESCOLA A PARTIR DE NIETZSCHE, DELEUZE E GUATTARI

José de Assis Moraes Júnior*

Resumo:

O presente artigo consiste numa análise propedêutica dos princípios de investigação do método da cartografia, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na perspectiva de abarcar o campo educacional, analisa, sob a ótica do método cartográfico, o *Assim Falava Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, buscando a problemática das paisagens subjetivas que se configuram ao longo do escrito nietzscheano e os deslocamentos possíveis para o campo e para os temas da Educação. A questão central defende a análise cartográfica como uma possibilidade de intuir a inabilidade dos sujeitos em relação à irrevogabilidade do caráter trágico da existência. O artigo busca propor uma questão nietzscheana, transportando-as para o campo educacional, qual seja: que tipo de sujeito tóxico-identitário é fomentado na escola?

Palavras-Chave: Cartografia, paisagens subjetivas, campo educacional.

Abstract:

The present article consists of a propedeutic analysis of the principles of the cartography method investigation, proposed by Gilles Deleuze and Felix Guattari. In the perspective of embracing the educational field, analyses, under the cartographic method view, *Thus spoke Zaratrusta*, by Friedrich Nietzsche, seeking the problematic of the subjective landscapes that configure along the nietzschenian writing and the possible displacements to the field and to the Educations' themes. The central question defends the cartographic analysis as a possibility of anticipating the subjects' inability towards the irrevocability of the tragic character of existence. This article seeks to propose a nietzschenian question, transporting it to the educational field, that is: what kind of toxic-identity subject the school is promotive of?

Keywords: Cartography, subjective landscapes, educational field.

Um trabalho de pesquisa cuja metodologia se pretende cartográfica, ou seja, fundada no método da *Cartografia* proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, não deve ser constituído a partir de modelos estruturais prontos, com questões *a priori*, metas específicas e caminhos traçados.

Ainda que sustente certa diretriz na proposição de seu percurso – o que veremos mais

* Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob a orientação do Prof. Dr. Romualdo Dias. Limeira, SP, Brasil. E-mail: moraes_moncaio@yahoo.com.br.

adiante – a cartografia consiste, inicialmente, em acompanhar os processos e *devires* que compõem um campo social, que é a realidade, em contínuo arranjo e desarranjo. “A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra”, afirma Virgínia Kastrup (BARROS; KASTRUP, 2009, p.73).

Contudo, o trabalho do cartógrafo não se define a partir do exercício da livre aventura, sem direção e desprovido de orientação. Ao contrário, trata-se do desafio de inverter o sentido tradicional de *método* sem abandonar certa concepção de trajeto de pesquisa. Portanto, não se trata mais de um caminhar cujos resultados são dados de antemão, com metas pré-fixadas, com resultados prontos, amplamente vislumbrados, mas, ao contrário, trata-se do primado do caminhar que redefine na radicalidade do percurso suas metas (PASSOS; BARROS, 2009), alterando inevitavelmente, e acintosamente, a produção dos dados de sua pesquisa.

Neste sentido, o método cartográfico deve ser traçado no e a partir do plano da experiência. Primordialmente, o cartógrafo mergulha para dentro da malha dos agenciamentos que emergem entre sujeito e objeto de pesquisa. O cartógrafo percebe – no sentido específico da *sensibilidade* – mundos, configurações territoriais da existência, efemeridades, transitoriedades. Virgínia Kastrup, ao tratar das especificidades do método cartográfico, fala em *atenção sensível* (KASTRUP, 2009, p.49). E, ainda mais, descreve como característico da prática cartográfica uma espécie de “acionamento no nível das sensações” (KASTRUP, 2009, p.42).

A cartografia é um “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p.15). Transportá-la, portanto, para o campo das paisagens psicossociais é afirmá-la como instrumento de análise da composição e desmantelamento de mundos, dos afetos que os atravessam e das intensidades que são captáveis pela vibração do corpo. “A cartografia, diferentemente do mapa, é a integibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações”, explica Suely Rolnik (ROLNIK, 1989, p.62).

Parece-nos, portanto, que o que legitima a análise do cartógrafo são as apreensões de uma realidade que se apresenta, ainda que provisoriamente, sob o aspecto da territorialidade e da máscara, constituições subjetivas estáticas, ontologicamente relativas ao *ser*.

No entanto, o trabalho do cartógrafo extrapola a análise das constituições estanques dos mundos existenciais, seus territórios, suas identidades. O cartógrafo, na verdade, acompanha um campo extremamente dinâmico. O que ele procura incansavelmente são

processos e *devires*. A cartografia consiste numa espécie de abertura ao finito ilimitado das possibilidades da existência humana.

Suely Rolnik define o trabalho cartográfico em sua proximidade com o exercício do *psicólogo social*, do *micropolítico*, do *esquizoanalista* e do *analista do desejo* (ROLNIK, 1989, p.74). Cada uma dessas facetas da atividade do cartógrafo configura uma especialidade no campo da análise. Ele será *Cartógrafo*, na medida em que não revelar sentidos, mas criar sentidos a partir de um contínuo movimento de re-significação. Será *Psicólogo social*, na medida em que assumir a “indissociabilidade entre o psíquico e o social” (ROLNIK, 1989, p.75). Doutra forma, encarnará o *Micropolítico*, conquanto se compreender, em sua prática, uma dimensão política, uma política de análise da produção de subjetividade. Será *Esquizoanalista*, na medida em que pretender “evocar a ideia de que a análise do desejo é, necessariamente, análise de suas linhas de fuga, linhas esquizo por onde se desmancham os territórios” (ROLNIK, 1989, p.75). E, finalmente, *Analista do desejo*, remontando a uma espécie de parentesco em relação à prática da psicanálise, com o “*know-how* da escuta psicanalítica do invisível” (ROLNIK, 1989, p.75).

Desta forma, parece evidente que uma pesquisa em Educação, sobretudo a que circunscreve a temática da subjetividade, não poderia optar por outra metodologia de investigação, dado tratar-se da tentativa de compreender os dados da realidade que circulam no ambiente escolar, sua interlocução com todos os planos do social na composição dos sujeitos.

“O vivido é segmentarizado espacial e socialmente”, afirma Gilles Deleuze e Félix Guattari (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.83). Somos compostos por segmentos que nos constituem, por linhas que se entrelaçam, compondo territórios. Deleuze descreve, de maneira mais específica, três linhas segundo as quais somos compostos: a linha de *segmentaridade dura*, ou de *corte molar*, a linha de *segmentação maleável* ou de *fissura molecular* e uma espécie de *linha de fuga* ou de *ruptura*. Essas linhas nos atravessam, compondo nossos mapas. Nos termos de Deleuze e Guattari,

de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo ou acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 76)

Como veremos, essas linhas compõem-nos em indizíveis territórios. Territórios que, por sua vez, conjugam-se num jogo incessante e frenético, formando *redes*, malhas existenciais. Passemos aos detalhes, aos desenhos específicos de cada uma dessas linhas.

A linha de segmentação dura ou molar, segundo Deleuze, composta não somente por grandes conjuntos molares – Estados, instituições, classes – mas ainda por “pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 67), possui um caráter de previsibilidade excessiva. Deleuze fala de uma linha em que há muitas “falas e conversações, questões ou repostas, intermináveis explicações, esclarecimentos” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.70). Há uma ênfase na identidade muito clara nessa linha, uma garantia de identidade muito forte ou, minimamente, uma busca insaciável pela identidade, em que cada instância da vida se deixa esquadrihar numa escritura pessoal marcante e definida, configurando *máscaras*.

No que se refere à produção de identidades, Rolnik fala em um movimento de produção de “*kits* de perfis-padrão” (ROLNIK, 1997, p.20). Em um mundo em que a globalização da economia e a tecnologia das mídias eletrônicas colocam *n* universos em circulação, pensando a perspectiva dos cruzamentos de uma rede informacional em *ondas*, a persistência na referência identitária, ainda que substituída por identidades globalizadas flexíveis, parece alcançar um estado patológico, que Suely Rolnik define como uma “toxicomania” generalizada (ROLNIK, 1997, p.21). A abertura para a recepção do *novo* que circula em tais redes de comunicação “não envolve necessariamente abertura para o estranho nem tolerância ao desassossego que isso mobiliza e, menos ainda, disposição para criar figuras singulares orientadas pela cartografia desses ventos, tão revoltos na atualidade” (ROLNIK, 1997, p.21).

Neste sentido, o uso da tóxico-identidade se justifica na medida em que são essas *próteses*, como afirma Rolnik, que fornecerão a ilusória segurança com a qual o reconhecimento em alguma órbita do mercado estará garantida.

Portanto, Suely Rolnik define essa linha de composição da realidade como “linha finita, visível e consciente da organização dos territórios” (ROLNIK, 1989, p.50). Segundo a autora, ela compõe um *script* existencial calculável, uma espécie de “operacionalização para a consciência pilotar os afetos” (ROLNIK, 1989, p.50). A consciência, aqui, quer apoderar-se da vida, encaminhá-la, impor-lhe uma estabilidade, um enrijecimento. Ela quer dirigir – no sentido cinematográfico mesmo – a vida. Uma composição de cenas *duras*, demarcáveis

territorialmente no espaço definido que é o palco físico dos traçados. Ela quer escapar ao palco imaginário e pessoal de cada espectador por meio de uma segmentação fixa. Enfim, trata-se de uma linha cuja operacionalidade compõe territórios que se configuram por meio de “grandes cortes perfeitamente designáveis” (ROLNIK, 1989, p.50).

Por sua vez, a linha de segmentação maleável ou molecular atua com segmentos que são, para Deleuze, como *quanta* de desterritorialização, pequenas segmentações em ato, “captadas em seu nascimento como em um raio de lua ou em uma escala intensiva” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 67). O que se propõe, agora, são intensidades, uma vida molecular intensa, e não estagnações, identidades.

Nos termos de Deleuze e Guattari,

Essa linha molecular mais maleável, não menos inquietante, muito mais inquietante, não é simplesmente interior ou pessoal: ela também põe todas as coisas em jogo, mas em uma outra escala e sob outras formas, com segmentações de outra natureza, rizomáticas ao invés de arborescentes. Uma micropolítica (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.72)

Vemos, aqui, o aparecimento do conceito de *micropolítica*, ou seja, determinações menos localizáveis, que são como fluxos ou partículas que escapam às segmentações mais duras. O *micro* é a política do plano gerado nessa linha, afirma Rolnik (ROLNIK, 1989, p.60). O identitário escoa pelo corpo. Há o prevalecimento do *rizoma*, uma “multiplicidade substantivada, devires imprevisíveis e incontroláveis” (ROLNIK, 1989, p.62). O *micro* se compõe na imanência, como um *pedaço de imanência* (ROLNIK, 1989, p.63). Ele nada tem a ver com a *transcendência* ordenadora, todo um mundo modelar e ideal a partir do qual são tomadas cópias no plano dos acontecimentos. O *micro* se faz ao tempo de seu processo de composição.

O que notamos, desta feita, são “*micromovimentos*, segmentações finas distribuídas de modo totalmente diferente, partículas inencontráveis de uma matéria anônima, minúsculas fissuras que não passam mais pelas mesmas instâncias, mesmo no inconsciente, linhas secretas de desorientação ou de desterritorialização: toda uma subconversaço na conversaço” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.69).

Essa segunda linha, a de segmentação maleável, comporta, segundo Rolnik, um “duplo traçado inconsciente e ilimitado” (ROLNIK, 1989, p.48), caracterizando-a como

double-face.

Essa ambigüidade característica se dá em função de sua dupla estada em campos que são distintos: por um lado, ela habita a intensidade e, por outro, a expressão. Neste sentido,

Ela está sempre prestes a oscilar na direção do fluxo puro e desencantar a matéria, provocando desabamento de território (...). E isso, em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido – em suma, de crise. Mas ela está sempre prestes, também, a oscilar na direção do encantamento, da imediatez do movimento de simulação. É quando um território “pega”, ganhando credibilidade, o que em termos subjetivos se traduz como sensação de reconhecimento, de familiaridade. E dá alívio (ROLNIK, 1989, p.49).

Portanto, essa linha é maleável, na medida em que se compõe numa espécie de duplicidade inerente e uma flexibilidade própria. São como lascas, afirma Rolnik, que descolam de configurações duras, desmanchando mundos existenciais e expondo pequenas fissuras, microrachaduras, que, gradativamente, comporão, por sua vez, novas configurações, mundos novos.

Uma terceira linha que compõe, segundo Deleuze e Guattari, o campo de análise do método cartográfico, é a *linha de fuga* ou de *ruptura*, denominada por Suely Rolnik como *linha dos afetos* (ROLNIK, 1989, p.47).

Deleuze a define como “uma linha que não mais admite qualquer segmento, e que é, antes, como que a explosão das duas séries segmentares” anteriores (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.69). Há um *quantum maximum* manifesto nessa terceira linha, uma espécie de desterritorialização absoluta. Por sua vez, Rolnik a define como “um fluxo que nasce ‘entre’ os corpos” (ROLNIK, 1989, p.47). A *linha dos afetos* escapa à definição de *linha*, ela atua, ao contrário, como *fluxo*, como afetos que se fazem do encontro com outros corpos. Nos termos de Rolnik

Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam traçando *linhas de fuga* – o que nada tem a ver com fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir – devir do campo social: processo que se desencadeiam; *variações infinitesimais*; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações

irremediáveis (ROLNIK, 1989, p.47-48).

Compreender, desta forma, o modo de composição das redes que se produzem, fundamentalmente, a partir de tais linhas, representa o trabalho do método cartográfico. A geometria produzida no emaranhado que essas linhas compõem, configura-se num *plano de imanência*, descrito por Deleuze como “não mais a afirmação de uma substância única” (DELEUZE, 2002, p.127), mas um *plano* no qual “estão todos os corpos, todas as almas, todos os indivíduos” (DELEUZE, 2002, p.127).

O *plano de imanência*, segundo Deleuze, reconhecível na medida em que se aventura no embrenhar na vida, fundamento da análise cartográfica, é o plano em que os corpos – potência de afetar e ser afetado – percebem e, ao mesmo tempo, compõem a realidade.

Ao contrário do *plano transcendente*, plano de organização e desenvolvimento do todo real, o *plano de imanência* é quando “o processo de composição deve ser captado por si mesmo, mediante aquilo que ele dá, naquilo que ele dá” (DELEUZE, 2002, p.133). No *plano de imanência*, o sujeito se desfigura. O que há, efetivamente, são “estados afetivos individuantes” (DELEUZE, 2002, p133).

Um projeto de pesquisa que se lança para dentro da análise da composição de subjetividades, deve necessariamente compreendê-las na perspectiva do seu estado dinâmico e de sua correlação com outros mundos existenciais. Deve, ainda, abandonar um modelo universal de subjetividade, a partir do qual generalizações são possíveis. A definição de subjetividade, para a investigação cartográfica, não admite – como vimos – a sua indissociabilidade com o campo social.

Segundo Deleuze, “nunca, pois, um animal, uma coisa, é separável de suas relações com o mundo: o interior é somente um exterior selecionado; o exterior, um interior projetado” (DELEUZE, 2002, p.130).

Deleuze não define o sujeito a partir da noção de indivíduo, de identidade. Ele, ao contrário, prefere abandonar tais noções. A definição do sujeito, aqui compreendido unicamente na sua dimensão de corpo, se estabelece a partir de dois conceitos que Deleuze toma emprestado da geografia: o conceito de *longitude* e o conceito de *latitude*.

Nos termos de Deleuze,

definiremos por *longitude* e *latitude*. Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um *corpus* lingüístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por *longitude* de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos *não formados*. Entendemos por *latitude* o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos” (DELEUZE, 2002, p.132).

Diante de um cenário tão profuso de *devires*, da própria dinâmica do *devenir* que constitui as subjetividades, a cartografia desenha mapas. O objetivo da cartografia, afirmam Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup, é “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão está conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (POZZANA de BARROS & KASTRUP, 2009, p. 57). Demarcações efêmeras, transitórias, brotam e se esfumam, constituindo mapas, decodificando mapas significacionais e sobrecodificando-os dinamicamente. É nesse embrolho semiótico, que é a realidade, que personagens subjetivos, individuais e coletivos, estão se compondo, emergindo a cada instante para o centro do palco do plano social.

O cartógrafo, com seu trabalho de caráter atencional, tem como instrumento essa realidade. Está, acima de tudo, imerso nela, em tal realidade heterogênea, metamórfica, transmutante.

Se preferirmos, Luiz B. Lacerda Orlandi, em seu texto *Que estamos ajudando a fazer de nós mesmo?*, descreve a problemática da nossa inserção na realidade de forma esclarecedora. Compreender, segundo ele, a dimensão de rede do plano social, requer a percepção de uma sensação fina, tênue. Ele diz,

Por minúsculo que seja cada um desses eus, e por mais irrisória que seja sua atividade principal, ao fazer isto ou aquilo seu fazer está sempre sobrefazendo outras coisas, seja num plano de composição molar, onde cada tarefa em cada lugar implica ou remete a outra, estando todas como que enredadas numa composição plural, seja num plano molecular de imanência, onde o fazer está imerso em trans-lugares, em complexas zonas intensivas de indeterminação (ORLANDI, 2005, p. 219)

Desta forma, estamos lançados num jogo contínuo e labiríntico de questões cada vez mais problemáticas. Questões que se sobrepõem às antigas questões de um passado tão presente,

num rodopio incessante. Isso não significa, contudo, como afirma Orlandi, no que se refere à catástrofe e ao desespero da existência, que estamos num grau diferente daquele que a humanidade vivenciou até agora. “Essa impressão de viver no âmago do problemático, talvez seja a mesma sentida pelos viventes em qualquer lugar e em qualquer época histórica”, afirma ele (ORLANDI, 2005, p. 219). No entanto, a evidência de um momento ímpar, “marcada por um excesso de sinais que apontam para a dramaticidade de um vasto e onipresente paradoxo” (ORLANDI, 2005, p. 220), parece indicar o caráter único da realidade presente. Eticamente, “nunca se viveu tão sistemático, cotidiano e envolvente sucateamento da humanidade”, afirma Luiz Orlandi (ORLANDI, 2005, p. 220).

O resgate do exercício de leitura do *Assim Falava Zaratustra* significaria, portanto, uma prospecção da possibilidade de existir no campo do desassossego imanente a organização social. Como experimentar a vida sem as anestésias contemporâneas? Como encarar a existência, e sua dramaticidade, para além das composições subjetivas *enlatadas*, cujas formatações são sempre dadas de antemão, através dos mecanismos midiáticos?

Neste sentido, a prática cartográfica, aqui, se justifica. Desenhar e re-desenhar os interstícios das composições e re-composições subjetivas do personagem Zaratustra, projeto máximo de uma perspectiva nietzscheana de existência digna e legítima, requer uma finura própria do exercício cartográfico.

O que significa, portanto, cartografar o *Assim Falava Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche? Captar nele possíveis intensidades? Afetos? Afetos que compõem o território existencial de seu escritor? Compreender em que medida o escrito nos remete ao campo das forças, das intensidades, dos afetos que circulam na atualidade? O texto é composto por linhas e “linhas que estão *entre as linhas* escritas”, lembra Deleuze (DELEUZE & GUATARRI, 1996, p.66). Tais linhas de escrita se conjugam com outras linhas. Não apenas linhas de escrita, portanto. Mas, linhas que configuram um campo de sensações. O escrito – *plano de imanência* – precisa, aqui, ser encarado sob a perspectiva do *rizoma*. Não há um núcleo exegético, um modelo referencial central, a partir do qual se arvora uma homogeneização do exercício de leitura. Cada linha escrita mascara e expõe *rostidades*, lascas de realidade que se conectam, linhas múltiplas que se entrecruzam. Linhas escritas, neste sentido, são *perceptos*.

Em *Assim Falava Zaratustra*, os afetos saltam, escapam, pululam. Infestam os campos existenciais com as centelhas de suas personagens, de seus [des]encontros. Fazem-se notar num campo intensivo de forças de atração e repulsa. Há, no escrito nietzscheano, incontáveis agenciamentos dinâmicos que resultam de encontros fortuitos e previstos. O velho

santo, a multidão, o moribundo, o jovem recostado a árvore, a águia, a serpente. Enfim, são inúmeros os encontros que emergem da investida de Zaratustra em anunciar suas verdades. Captar nas linhas de composição do escrito de Nietzsche forças e compor cartografias é o exercício que se pretende fomentar aqui.

No entanto, o deslocamento para o campo educacional que deverá se realizar em nosso trajeto de pesquisa é significativo. O texto Assim Falava Zaratustra serve-nos de referencial para a composição das possibilidades de existir apesar da escola? Uma questão permanente, aqui, diz respeito ao aspecto de incerteza da condição humana. Transitar nesse espaço arriscado do incerto requer uma habilidade que a escola não mais pode oferecer tampouco estimular? Esse trato com o *devoir-vida*, com o caráter transitório da existência, com sua efemeridade trágica – aspectos, há muito, percebidos como fundantes de um modelo específico de existência a que denominamos pós-moderno, hipermoderno – parece, sobretudo a partir dos discursos das identidades capitalísticas e neoliberais, estar irremediavelmente envolto numa problemática da dor e de suas possíveis resoluções, seja no campo da medicina psiquiátrica, no campo do *conhece-te a ti mesmo* ou no campo da prática anestésica das sensações.

Friedrich Nietzsche, em um dos seus primeiros escritos, parece diagnosticar essa tendência que se afigura extremamente contemporânea: uma espécie de inabilidade ao caráter trágico do existir.

A ânsia por uma *serenojovialidade*, retomada, hipoteticamente, dos gregos antigos e de sua arte apolínea, parece denunciar um princípio profundamente outro a que Nietzsche anuncia como a *socratização* da vida. Nietzsche, aqui, está ocupado com questões que, irrevogavelmente, ressoam hoje contemporâneas. O ponto fundamental, ele afirma, diz respeito ao *valor da existência* (NIETZSCHE, 1992, p.14). O que haveria introduzido no espírito dos gregos antigos, signo de uma existência da *fortitude*, oriunda da receptividade ao aspecto dionisíaco e trágico da vida, uma propensão ao declínio, ao cansaço, à doença, à dissolução dos instintos?

Portanto, a questão, aqui, reaparece: que mecanismos de percepção da vida devem ser re-instaurados para a re-instalação, no campo das subjetividades, dos aspectos dionisíacos da existência? Ou seja, que dispositivos – referindo-se, aqui, à questão própria da educação – nos devolveriam a sensibilidade para o caráter *duro* da vida para a composição de sua plenitude?

Portanto, é no bojo dessas questões que a pergunta pelo método de investigação

suscita outra questão proporcionalmente relevante: a questão a respeito do objeto de pesquisa.

Pesquisar o campo social – a educação, em nosso caso – considerando sua efervescência, seu dinamismo como produtor de *devires* múltiplos, requer a escolha de uma metodologia consistente, que condiga ao propósito do exercício que é o de descrever os processos de subjetivação.

Então, compreender as redes que constituem tais processos – *circularmente*, aquém e além dos muros escolares, em nosso caso – exige que estejamos atentos a dimensão de processualidade dos sujeitos a que Nietzsche nos remete, sujeitos que estão inseridos num plano social dinâmico e de ininterruptas transformações.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

GALLO, Silvio. *Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 551-565, set/dez. 2006.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Assim falava Zarathustra: Um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

_____. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, págs.

25-34.

_____. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In *Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências*. SANTAELLA, Lucia (org.); VIEIRA, Jorge Albuquerque. Face e Fapesp, São Paulo, 1999; pp. 206-213.